

## **Ensino articulado à pesquisa e ação na realidade: Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão ofertada pelo NuMI-EcoSol/UFSCar**

Danilo Malta Ferreira – Doutorando do PPGEU/UFSCar  
Ioshiaqui Shimbo - Professor aposentado NuMI-EcoSol/UFSCar  
Maria Zanin – Professora sênior do NuMI-EcoSol/UFSCar e do PPGCTS/UFSCar

[dnylon@gmail.com](mailto:dnylon@gmail.com)

[ishimbo50@gmail.com](mailto:ishimbo50@gmail.com)

[mariazanin55@gmail.com](mailto:mariazanin55@gmail.com)

Bolsa de Doutorado - CNPq

GT1 – Formação em economia solidária e extensão universitária

São raras as disciplinas ou unidades curriculares que partem da realidade social e inserem os estudantes com a iniciação em pesquisa científica. O objetivo deste trabalho é analisar se a disciplina Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE) ofertada pelo Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária da Universidade Federal de São Carlos, preferencialmente para graduandos, possibilita articulação desta disciplina com pesquisa e ação na realidade. As estratégias da pesquisa foram: 1. pesquisa pós-fato: análise de documentos; 2. Sistematização de experiência: construção tabelas, quadros e linha do tempo; 3. estudo de caso: a experiência da ACIEPE desde sua origem em 2003 até 2014. Os resultados evidenciam participação dos estudantes na elaboração de perguntas de pesquisa, que tem como ponto de partida a ação na realidade e que possibilita acesso ao conhecimento produzido, algo ainda pouco enfatizado nas disciplinas convencionais.

**Palavras-chave:** Economia Solidária; Papel da Universidade Pública; Articulação Ensino, Pesquisa e Extensão

### **Universidades na promoção da Economia Solidária como estratégia de Desenvolvimento**

Mesmo que haja diversidade de compreensões sobre a origem e o atual significado e importância da Economia Solidária, suas diferentes perspectivas e abordagens conceituais, teóricas, diversidade de experiências e iniciativas econômicas em andamento, é possível afirmar que se trata de uma concepção econômica suficientemente diversa de outras mais conhecidas. De modo geral, a perspectiva da Economia Solidária é contribuir para a superação de problemas da realidade social, como precarização do trabalho, a exclusão social, as intensificações das desigualdades econômicas e sociais, a pobreza, a poluição ambiental, entre outras questões que são associadas, por seus críticos, ao sistema econômico atualmente hegemônico, a Economia Capitalista.

Em relação às perspectivas e abordagens conceituais de Economia Solidária, é possível encontrar na literatura descrições, análises e debates sobre seus princípios e valores fundamentais, principalmente a autogestão, a cooperação e a solidariedade. A autogestão

pressupõe que os trabalhadores de um empreendimento tenham a posse dos meios de produção, tenham um processo de tomada de decisão democrática, com a busca do consenso e o voto (um voto por pessoa) quando houver necessidade, tenham divisão de trabalho mais equilibrada, compartilhamento dos ganhos e das perdas, entre outros. Já o princípio de cooperação contrapõe à noção de competição. Ao cooperar, os trabalhadores se associam em torno de objetivos comuns e deixam de competir entre si. A solidariedade é um conceito que, fora do âmbito da EcoSol, costuma ser entendido com viés caritativo, pressupondo a manutenção da relação entre desiguais. Mas no âmbito da EcoSol assume carga simbólica e subjetiva, destacando o princípio da igualdade entre as pessoas, com respeito à diversidade e passa a remeter à ideia de co-dependência social (AMORIM, 2010). Participação, centralidade no trabalho e no ser humano, cooperativismo popular são exemplos de outros conceitos debatidos na literatura sobre Economia Solidária.

Em relação às perspectivas e abordagens teóricas sobre Economia Solidária é possível encontrar na literatura, tanto entre os autores favoráveis, quanto entre os autores críticos, diversas compreensões teóricas sobre o fenômeno. Em uma primeira vertente de compreensão, Pinto (2004) afirma que a Economia Solidária tem origem entre os trabalhadores que, ao ingressarem em empreendimentos coletivos agregando recursos próprios, o fazem devido às restrições de acesso à economia formal ou permanência nela em situações precárias. Esta primeira vertente de compreensão teórica entende a Economia Solidária como compensação das crises do sistema capitalista. Gaiger (2014) defende que os empreendimentos solidários constituem formas consistentes de vida econômica, não como compensação do modo vigente e suas crises, mas como via de combate a ele e em defesa de novas formas de vida econômica dotada de outros fundamentos.

Em uma segunda vertente de compreensão da Economia Solidária, autores apresentam críticas a Economia Solidária baseados principalmente nos escritos de Marx. De acordo com Germer (2009), a Economia Solidária é um sintoma de recesso momentâneo da consciência de classe do proletariado que tem espaço ocupado por ideologias pequeno-burguesas, visto como fenômeno positivo por organismos internacionais, devido seu potencial em neutralizar o ímpeto revolucionário desta classe. De acordo com Menezes (2007), a Economia Solidária tem sido formulada por expressivos intelectuais da esquerda, que por mais que tenham participado da resistência contra a ditadura militar no Brasil, são agora participantes do que a autora considera um projeto político conciliador e funcional à lógica neoliberal. Para Gaiger (2013), a Economia Solidária recebe, com frequência, críticas vindas de teses e categorias da economia política

marxista, sobretudo, de sustentação ideológica e programática. O autor alerta sobre o risco do elevado grau de finalismo, próprio das ideologias, e compreende que tais críticas surgem principalmente sobre formulações mais audaciosas como a que afirma que a Economia Solidária é um novo modo de produção não capitalista.

Em uma terceira vertente de compreensão teórica, Singer e Souza (2000) afirmam que a Economia Solidária surge como modo de produção e distribuição alternativa ao capitalismo e que a primeira se parece com um híbrido entre o capitalismo e a pequena produção de mercadorias, mas é uma síntese de ambas que as superam. Para Singer (2002), a economia solidária é outro modo de produção, com princípios como propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. Os empreendimentos associativos se constituem numa forma social de produção que historicamente se desenvolve contestando a organização capitalista do trabalho. Gaiger (2013) discorda ao afirmar que se trata de uma transformação social de longo prazo e não um novo modo de produção colocado em marcha, defendendo que o possível papel da economia solidária está em comprovar que em termos de desenvolvimento das forças produtivas, a autogestão não é inferior à gestão capitalista

Este debate em torno da Economia Solidária é recente, de grande complexidade e com relevante grau de diferenças entre as posições dos diferentes autores. Além dos conceitos e teorias, existe grande diversidade de experiências de Economia Solidária em andamento. Com um rápido levantamento da literatura é possível perceber que as iniciativas econômicas solidárias estão em diferentes etapas de uma cadeia produtiva como produção, distribuição, comercialização, consumo e iniciativas de finanças solidárias. (GOMES *et al.*, 2002)

A Economia Solidária constitui-se como um movimento que vem se fortalecendo nestes últimos anos por meio da organização popular que reúne diversos atores sociais, que podem ser classificados em: iniciativas econômicas solidárias, gestores públicos e entidades de apoio e fomento (EAF). Estas entidades são organizações civis sem fins lucrativos, públicas ou privadas, que realizam ações de apoio e fomento direto às iniciativas econômicas solidárias, seja por meio de capacitação, assessoria técnica e de gestão. (CORTEGOSO E SHIMBO, 2005). Entre as EAFs existem as Universidades que têm como expoente de fomento à Economia Solidária as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs). Atualmente (2018), existem duas redes universitárias de incubadoras de cooperativas populares no país, a Rede de ITCPs e a Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (Rede UNITRABALHO). (VECHIA *et al.*, 2011)

As ITCPs divergem das incubadoras de empresas, não apenas pelo tipo de iniciativas

que fomentam, mas pelo tipo de forma econômica que reforçam. Aquelas têm intuito de fomentar a Economia Solidária enquanto estas estão interessadas em reforçar a forma econômica de mercado capitalista e fazem isto a partir de um esforço para “incluir” um público já incluído socialmente, em geral, profissionais graduados. Para isto, oferecem um conjunto de instrumentos, tecnologias, conhecimentos desenvolvidos pelas Universidades para fomento de empresas nascentes. É fato que avançam em relação ao tipo de atuação da Universidade, porém atuam a partir da Universidade prestando serviços a empresas incubadas, com foco na geração de emprego, renda e na promoção de ambientes empreendedores e inovadores. Já as ITCPs, a partir da atuação na realidade social fazem assessoria com foco na geração de trabalho coletivo e renda, mas também atuam para além dos empreendimentos, fomentando a cooperação entre empreendimento e outros atores dentro de territórios.

Esta pesquisa tem como objeto empírico uma ITCP, inicialmente chamada de Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP) e hoje institucionalizada na Universidade Federal de São Carlos como Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol)<sup>1</sup>. A partir desta experiência, nos interessa identificar quais são as estratégias gerais, avanços, condições essenciais, dificuldades e limites para que a atuação da Universidade siga em perspectiva alternativa ao modelo vigente. Deste modo, quais seriam as condições essenciais e favorecedoras para a atuação da Universidade quanto à viabilização de seu papel, com destaque para as possíveis relações entre as atividades institucionalizadas de ensino, pesquisa e extensão, e entre estas e a Economia Solidária como estratégia de desenvolvimento de territórios na perspectiva de transformação da sociedade? Para tanto, identificar o papel da Universidade é uma das condições necessárias para poder examinar, em perspectiva crítica sua atuação, relevância social e relações possíveis entre ensino, pesquisa e extensão.

### **Papel da Universidade como produção e acesso ao conhecimento no campo da Economia Solidária**

É importante examinar o conceito de Universidade e suas atividades, bem como identificar qual seu papel como instituição pública. Neste trabalho foram examinados o processo de produção de conhecimento e as possíveis articulações entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão. Para Goergen (2010), a depender da perspectiva de concepção ou forma

---

<sup>1</sup> Doravante chamado de NuMI-EcoSol, exceto em casos que se examina o nome da INCOOP. No entanto, entre 1998 e 2011 havia a INCOOP e de 2011 em diante, o NuMI-EcoSol.

econômica que se pretende reforçar, diferentes conceitos e princípios são mobilizados para fundamentar a atuação da Universidade. Conceitos e princípios podem ter significados variantes ou ainda assumir sentido negativo ou positivo, respectivamente, para críticos ou defensores do modelo social e educacional vigentes. Por exemplo, o conceito de relevância social pode designar, para defensores do modelo vigente, subserviência da Universidade ao mercado com o imperativo de atendimento a demandas; ou designar, para críticos, contribuição crítico-constructiva na perspectiva de uma sociedade melhor. De modo semelhante, esta pesquisa buscar examinar os significados e intenções das concepções dos processos internos da Universidade. Não há um conceito único e universalmente válido de Universidade. Tais conceitos foram construídos, consolidados e trazem aspectos de tempos e espaços culturais, sociais, políticos e econômicos diversos. Quando pública, a Universidade deve cumprir uma função de utilidade para todos. (TAUCHEN, 2009)

De modo geral, as Universidades Públicas se organizam em torno das atividades de ensino, seja ele de graduação ou pós-graduação, de pesquisa científica e de extensão. No entanto, professores e estudantes raramente realizam os três tipos de atividades e mesmo quando o fazem não é em torno do mesmo objeto ou tema. Neste sentido, de onde vêm as informações que são utilizadas nas atividades de ensino? Elas são atualizadas? Por quem? Com que frequência e a partir de quais critérios? Qual a relação das atividades de ensino com as pesquisas realizadas? Quais os pontos de partida das pesquisas? Todos os professores e estudantes estão envolvidos? Quais os critérios para esta participação? O conhecimento produzido chega até as pessoas que dele necessitam? As pesquisas impactam as atividades de ensino e extensão? Em que medida? Quem faz extensão? As atividades de extensão têm relação com as atividades dos cursos de graduação, pós-graduação ou com pesquisa? São questões sobre a atuação da Universidade, que em geral ocorre de forma segmentada, ou seja, com pouca articulação entre ensino, pesquisa e extensão (MAZZILLI, 2011). Existem experiências que fazem, ou ao menos tentam realizar, ensino, pesquisa e extensão em torno do mesmo objeto ou com maior grau de articulação entre si? E para além de haver articulação, qual a relação entre essas atividades e a identidade ou papel da Universidade?

Segundo Botomé (1996), ensino, pesquisa e extensão se relacionam com a identidade da Universidade. No entanto, o autor afirma ser um equívoco considerar ensino, pesquisa e extensão como papel, função ou objetivo da Universidade, quando são apenas atividades por meio das quais a Universidade operacionaliza sua função, cumprindo seu papel. O equívoco está na substituição de sua efetiva função pelas atividades que realiza. Devido a este equívoco,

o autor atribui falta de identidade a Universidade que confunde atividades de rotina com sua razão de ser. As atividades de ensino, pesquisa e extensão não são fins da Universidade, mas meios pelos quais a Universidade realiza seu fim, que o autor defende ser: produzir conhecimento novo e relevante, tornando o conhecimento existente acessível a todos.

Sabendo que o papel da Universidade se define na produção de conhecimento, considerando como parte desta produção o tornar o conhecimento acessível a todos, surgem as seguintes questões: O que caracteriza tal processo de produção de conhecimento, considerando tornar o conhecimento acessível como parte de processo? Qual a relação entre este processo de produzir conhecimento e as atividades de ensino, pesquisa e extensão? Como produzir conhecimento e torná-lo acessível por meio da articulação entre ensino, da pesquisa e da extensão? O que caracterizaria esta articulação?

Uma fase do processo de produção de conhecimento que é comum a todos é a delimitação de um tema de pesquisa com a possibilidade de elaboração e escolha de uma pergunta de pesquisa como início do processo de investigação ou pesquisa científica. Se este processo de delimitação é algo comum a todos, é importante examinar tal processo, mais precisamente a origem da escolha de um tema, um problema ou pergunta de pesquisa. Como ocorre esse processo de escolha ou delineamento de um problema de pesquisa? A atividade de pesquisa na Universidade tem se limitado mais a esforços de indivíduos do que algo institucional. Porém, o conhecimento produzido parece mais destinado a satisfação de quem faz pesquisa do que a melhoria das condições de vida das pessoas em geral. No entanto, limitar a origem da pesquisa e do processo de produção de conhecimento à curiosidade ou interesse do pesquisador ou àquilo que a literatura técnica internacional aponta é reduzir muito as fontes e as necessidades de produção de conhecimento. (BOTOMÉ, 1996)

O contato com os problemas da sociedade revela questões a serem respondidas. Alguns problemas podem ser respondidos por conhecimentos produzidos por outros pesquisadores e outros problemas necessitam de novos estudos. Situações em que é necessária intervenção profissional também são importantes oportunidades para gerar conhecimento. Se a origem da pesquisa não tem relação com os problemas com os quais a sociedade se defronta, dificilmente seus resultados dirão respeito a estes problemas e, nesse sentido, a origem também determina as possibilidades de utilização do conhecimento produzido.

Ademais, mesmo que o ponto de partida não seja um problema ou situação da realidade, qualquer conhecimento produzido precisa ficar acessível a quem dele necessita. A Universidade serve (ou deveria servir) para produzir conhecimento sendo que produzir conhecimento é um

processo que deve incluir tornar esse conhecimento produzido acessível e não apenas disponível, típico da mera divulgação. Nesta concepção, tornar o conhecimento disponível é colocar à disposição de quem necessita, somente informações decorrentes de uma pesquisa. No entanto é necessário um esforço a mais para que tais informações se tornem comportamento e não apenas considerações verbais baseadas nas informações. A descoberta de um novo conceito não é suficiente enquanto processo de produção de conhecimento e é neste sentido que acesso deve ser parte integrante da noção de “produzir”. (CORTEGOSO *et al*, 1997)

Então, para além da questão da origem da pesquisa também é importante sua destinação, ou seja, o acesso ao conhecimento produzido. Quem tem acesso ao conhecimento produzido? A quem interessa? Que tipo de problema ajuda a resolver? Quem são os beneficiários? Que canais a universidade tem para tornar o conhecimento acessível? Que procedimento usa para capacitar as pessoas a usarem o conhecimento para atuarem e melhorarem as condições de vida da sociedade? Qual o papel de estudantes, professores e técnicos para otimizar o acesso a produção de conhecimento?

De modo geral, a pesquisa científica deve se tornar acessível por diversos processos educativos, oportunidades para as pessoas aprenderem transformar conhecimento em comportamentos. Isto deveria ocorrer de forma privilegiada nos cursos de graduação, sendo que graduação não deve se limitar a transmissão de conhecimentos, muito menos conhecimentos que muitas vezes já estão superados ou são alienados da realidade. Ensino de graduação deve ser subsidiado pelo que está sendo pesquisado, preferencialmente se baseado em situações da realidade que poderiam levar a um efetivo aprendizado. É válido destacar que educação de nível superior não é apenas curso de graduação. As necessidades sociais de aprendizagem de nível superior são muito maiores do que apenas aquelas visando um diploma universitário que autorize o exercício de uma profissão. Vários segmentos da sociedade necessitam de diversos tipos de ensino que só a Universidade pode oferecer e isto poderia ocorrer considerando as diversas atividades abarcadas sob o nome de Extensão. (BOTOMÉ, 1996)

A pesquisa e educação devem ser articuladas e ter como essência a Extensão, pois separadas têm mais chance de ficarem isoladas e não ter relação alguma com problemas da sociedade. Uma atividade à parte, a extensão, faz com que a pesquisa e educação, apontada como alienadas, não modifiquem suas práticas. A partir de um diagnóstico de que a Universidade está separada da sociedade é proposta uma terceira atividade – a extensão – ao invés de se corrigir o que há de equivocado ou incompleto com o ensino e a pesquisa.

De acordo com Melo Neto (2003), há concepções de extensão que podem ser definidas como uma *via de mão única*, com trânsito da Universidade para a Sociedade somente. Com o processo de construção conceitual da extensão foram se desenvolvendo outras compreensões em que se busca a possibilidade de trocas entre universidade e sociedade. Sendo que, nesta perspectiva, tanto a universidade troca conhecimento com a comunidade quanto a comunidade começa a ter a mesma atitude em relação à universidade, caracterizando uma perspectiva de *via de mão dupla*.

No entanto, além de prevalecer, em ambas concepções, a iniciativa da Universidade, não há preocupação com a produção de novos conhecimentos. Mesmo na concepção de mão dupla, o que se observa é a troca de conhecimentos já estabelecidos. De acordo com o autor, a mera transmissão de conhecimentos anula o espaço da contradição uma vez que a comunidade acadêmica define tudo. Da mesma forma, para Freire (2017) ocorre a partir da mera transmissão, a invasão cultural, pois os conhecimentos refletem somente a visão de mundo de quem os transmite. Desta forma, é possível conceber a Extensão na perspectiva da produção do conhecimento, em que se destaca a necessidade do conhecimento a ser produzido para além da troca entre saberes. E fazer extensão, portanto, pressupõe a ação na realidade propriamente dita, pois esta não se enquadra em mera perspectiva contemplativa da realidade.

Por fim, o acesso ao conhecimento não deve se restringir apenas à comunidade acadêmica, ou a grupos específicos, mas deve se tornar acessível a todos, sobretudo aos que mais necessitam. E porquê? Esta questão retoma o papel da Universidade quanto a sua relevância (ou pertinência) social, entendendo que produção de conhecimento novo e relevante cientificamente, é essencial para o progresso e transformação da sociedade.

Neste contexto, são diversas as lacunas de conhecimento identificadas e que poderiam servir como concepções sobre pesquisa, extensão e educação; origem de processos de produção de conhecimento, como atuação dos membros da universidade sobre possíveis relações entre ensino, pesquisa e extensão ou quanto ao papel da Universidade; origens e impactos das pesquisas e processos educativos na realidade social e; levantamento de problemas e situações da realidade resolvidos com por meio da atuação da Universidade.

Entre estas lacunas estão as raras disciplinas ou unidades curriculares que partem da realidade social e inserem os estudantes em atividades de pesquisa científica. O objetivo deste trabalho é analisar se a disciplina Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE), ofertada pelo Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação



e Intervenção em Economia Solidária da Universidade Federal de São Carlos, preferencialmente para graduandos, possibilita articulação desta disciplina com pesquisa e ação na realidade.

### **Explicitação da hipótese, estratégia da pesquisa e descrição do objeto empírico**

De modo geral, o método em pesquisa científica tem como etapas a percepção de um problema teórico ou prático, elaboração de uma pergunta de pesquisa, elaboração de possível solução (hipótese) e a verificação desta hipótese para, então, tirar conclusões. (LAVILLE e DIONNE, 1999)

O problema desta pesquisa é a atuação da Universidade, sobretudo a Universidade Pública e em especial as ITCPS, tendo em vista seu papel de produção de conhecimento, entre eles em Economia Solidária na perspectiva de desenvolvimento de territórios e tomando como caso decisivo a experiência do NuMI-EcoSol. A hipótese elaborada é sobre uma das disciplinas ofertadas, a ACIEPE “Cooperativismo Popular e Economia Solidária”. Tal hipótese é: “A Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão ofertada pelo NuMI-EcoSol é uma oportunidade para estudantes de graduação se envolverem com o processo de produção de conhecimento como articulação desta atividade de educação com pesquisa científica e ação na realidade, com a elaboração de perguntas de pesquisa, que têm como ponto de partida a ação na realidade e acesso ao conhecimento produzido em oportunidades educativas.”

Esta pesquisa contou com três estratégias gerais: 1. Levantamento pós-fato, a partir da análise de documentos e depoimentos; 2. Sistematização de Experiência; 3. Estudo de um caso - a experiência da atuação do NuMI-EcoSol, em especial da disciplina ACIEPE desde sua origem em 1999<sup>2</sup> até 2014.

A estratégia de pesquisa de levantamento pós-fato consiste na utilização de documentos como fonte de consulta, na perspectiva de recuperar evidências para verificação de hipóteses. A estratégia consiste na elaboração de perguntas mediante reflexão sobre uma situação real, no caso a aspectos da atuação no NuMI-EcoSol. Para tanto foi realizada breve descrição da experiência do NuMI-EcoSol.

O Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária da Universidade Federal de São Carlos (NuMI-EcoSol/UFSCar) é o sucessor da Incubadora Regional de Cooperativas Populares (INCOOP), criada em 1998, como

---

<sup>2</sup> A INCOOP foi oficialmente inaugurada em 5 de abril de 1999, mas contou atividades de planejamento para sua constituição desde 1998.

um projeto e em seguida foi transformada em programa de extensão. Foi influenciado pelo surgimento da primeira ITCP na Universidade Federal do Rio de Janeiro que teve iniciativa expandida para outras universidades, com apoio financeiro do governo federal. Na UFSCar, nasceu do esforço conjunto de alguns núcleos de extensão, que deram suporte, inclusive financeiro, para o início das atividades junto à população de um bairro de pessoas pobres e estigmatizadas. O NuMI-EcoSol é membro da Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede de ITCPS) desde sua origem em 1999, composta por incubadoras de diversas universidades no país.

Desde o início de sua atuação, o NuMI-EcoSol realiza produção de conhecimento em Economia Solidária, com envolvimento de estudantes de graduação de diferentes cursos e estudantes de mestrado e doutorado de diferentes programas de pós-graduação. Realiza educação em EcoSol dos diversos atores envolvidos em suas atividades e atua na realidade social, principalmente por meio da incubação de EES. O NuMI elaborou e procura manter atualizada uma lista de produções científicas desde o início de sua atuação. Já foram produzidos livros, capítulos de livros, artigos completos em anais de congressos, resumos, além da organização e participação em eventos acadêmicos sobre Economia Solidária e participação em eventos de outras áreas do conhecimento.

### **Resultados e discussão: Articulação entre pesquisa, ação na realidade social e processos educativos no âmbito do NuMI-EcoSol**

O tipo de oportunidade educativa mais comum na Universidade é a disciplina que ocorre em sala de aula. Quais disciplinas, considerando seu processo de planejamento e programação, têm como ponto de partida a realidade, possibilita envolvimento dos estudantes com processo de produção de conhecimento além de atividades de ensino-aprendizagem tendo como contexto o tema da disciplina? Entre as oportunidades educativas do NuMI-EcoSol, está um tipo de disciplina existente na UFSCar desde 2002, denominada Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE) que é um programa desta Universidade compreendida como *“experiência educativa, cultural e científica que, articulando o Ensino, a Pesquisa e a Extensão e envolvendo professores, técnicos e alunos da UFSCar, procura viabilizar e estimular o seu relacionamento com diferentes segmentos da sociedade.”* (UFSCar, 2018, online)

A ACIEPE “Cooperativismo Popular e Economia Solidária: produção de conhecimento, intervenção profissional e formação de profissionais” é uma disciplina ofertada semestralmente

pelo NuMI-EcoSol desde o primeiro semestre de 2003 (exceto no primeiro semestre de 2012). Esta ACIEPE é uma oportunidade educativa em que ocorre formação de estudantes com encontros presenciais (conceitos, abordagens, métodos, experiências sobre EcoSol), atividades de ação na realidade social (com acompanhamento de pelo menos um objeto de intervenção na realidade) e produção de conhecimento (derivando pelo menos uma pergunta de pesquisa científica) de forma articulada no âmbito da EcoSol.

A disciplina tem como público preferencial estudantes de todos os cursos de graduação da UFSCar, mas já cursaram a disciplina estudantes de graduação de outras Universidades, estudantes de pós-graduação, técnicos administrativos da Universidade, gestores públicos e outras pessoas interessadas na EcoSol. Quanto aos estudantes de graduação, quantos têm oportunidade de participar de ações na realidade social e participar do processo de produção de conhecimento em determinado contexto, neste caso, o contexto de atuação do NuMI-EcoSol? Um levantamento da quantidade de estudantes de graduação e seus respectivos cursos foi realizado a partir de listas de avaliação final da disciplina ACIEPE que contém nomes dos estudantes, cursos e status em relação a disciplina (aprovado, reprovado, desistente e cancelado). Até o segundo semestre de 2014 foram 23 semestres de ofertas, sendo que as ACIEPEs na UFSCar existem há 27 semestres, indicando que mesmo sendo uma disciplina de caráter optativo, a equipe do NuMI-EcoSol a oferece com frequência regular. A ACIEPE ofertada pelo NuMI-EcoSol, em 23 semestres entre 2003 e 2014, formou 412 estudantes de graduação de diferentes cursos de graduação, o que possibilita verificar que se trata de uma oportunidade educativa para estudantes de graduação.

Quais outras oportunidades educativas existem na universidade para aprendizagem de estudantes de diferentes cursos? Isto indica que o campo de atuação da EcoSol não tem requisito quanto a curso de graduação. Outros estudos são necessários para verificar se a EcoSol possibilita outro campo de atuação profissional aos graduandos, além do campo referente à formação de seus cursos de graduação de origem. Também são necessários outros estudos quanto ao indício de que a possibilidade de diversas formações reforça o questionamento da EcoSol quanto a divisão técnica e social do trabalho.

No âmbito da ACIEPE, a ação na realidade que ocorre a partir da inserção dos estudantes em projetos do NuMI-EcoSol, a partir da escolha feita por eles, dadas as opções disponíveis em cada semestre. Para isto, são apresentados aos estudantes os projetos no âmbito dos quais podem ser desenvolvidas as ações na realidade como atividade da ACIEPE. Ação esta que ocorre em geral com contato direto com a comunidade, público-alvo no núcleo. No

Quadro 1 é possível observar as diferentes opções de ação na realidade apresentadas aos estudantes ao longo das ofertas da disciplina.

Uma vez aceita a inscrição dos alunos nas vagas disponíveis a cada oferta, estes passam a fazer parte da equipe responsável pelos projetos, devendo então participar das atividades acordadas com cada equipe, que incluem reuniões de trabalho, e um conjunto diversificado de possibilidades, que serão definidas especificamente com a participação destes alunos, e considerando suas disponibilidades e preferências, bem como as necessidades no âmbito do próprio projeto. A disciplina possibilitou diversas opções para atuação dos estudantes, 23 de acordo com a coleta realidade, o que possibilita verificar a ACIEPE é uma oportunidade para estudantes de graduação atuarem na realidade social. Isto também já indica que o tipo de ensino que ocorre na ACIEPE vai além da transmissão de conhecimentos entre professor e estudante.

A partir, então, da ação na realidade, o estudante tem a oportunidade de iniciar pesquisa científica. No âmbito dos cursos de graduação, quais as oportunidades os estudantes têm de participação no processo de produção de conhecimento, mesmo que apenas na formulação e proposição de perguntas de pesquisa científica? O estudante elabora questões de pesquisa em seu curso de origem, em disciplinas obrigatórias, sobre os temas estudados ou apenas acumula os conhecimentos produzidos por diversos autores? No caso da ACIEPE o estudante tem a oportunidade de escolher temas e elaborar perguntas de pesquisas, como pode ser observado no Quadro 1, temas e perguntas de pesquisa elaborados por estudantes que cursaram a ACIEPE no primeiro semestre de 2013.

QUADRO 1 - Exemplo de perguntas pesquisa elaborada por estudantes na ACIEPE ofertada pelo NuMI-EcoSol e respectivos cursos.

Ano / Semestre	Curso do Estudante	Tema ou Pergunta de Pesquisa
2013/01	CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	Como os preços são estabelecidos na origem e como as condições de produção e os intermediários podem interferir sobre o preço final do produto.
	CIÊNCIAS SOCIAIS	Existe uma diferenciação na “criação” de um filho cuja família esteja inserida no contexto da Economia Solidária?
	CIÊNCIAS SOCIAIS	Qual é o conhecimento inicial dos alunos da UFSCar, que não estão inseridos nas atividades do Numi (INCOOP-UFSCar), sobre os princípios e fundamentos da Economia solidária? Quais as condições de acessibilidade desses princípios? Pode haver contribuição específica, por parte desses Estudantes, nessa alternativa de economia mais “humanizada”?
	ENFERMAGEM	Qual significado do trabalho em empreendimento de economia solidária, para o indivíduo que está inserido no mesmo.
	ENGENHARIA DE MATERIAIS	Qual o impacto financeiro da moeda social para os comerciantes que aceitam a moeda social? Isso funcionaria como argumento na captação de novos participantes para os projetos de bancos comunitários.

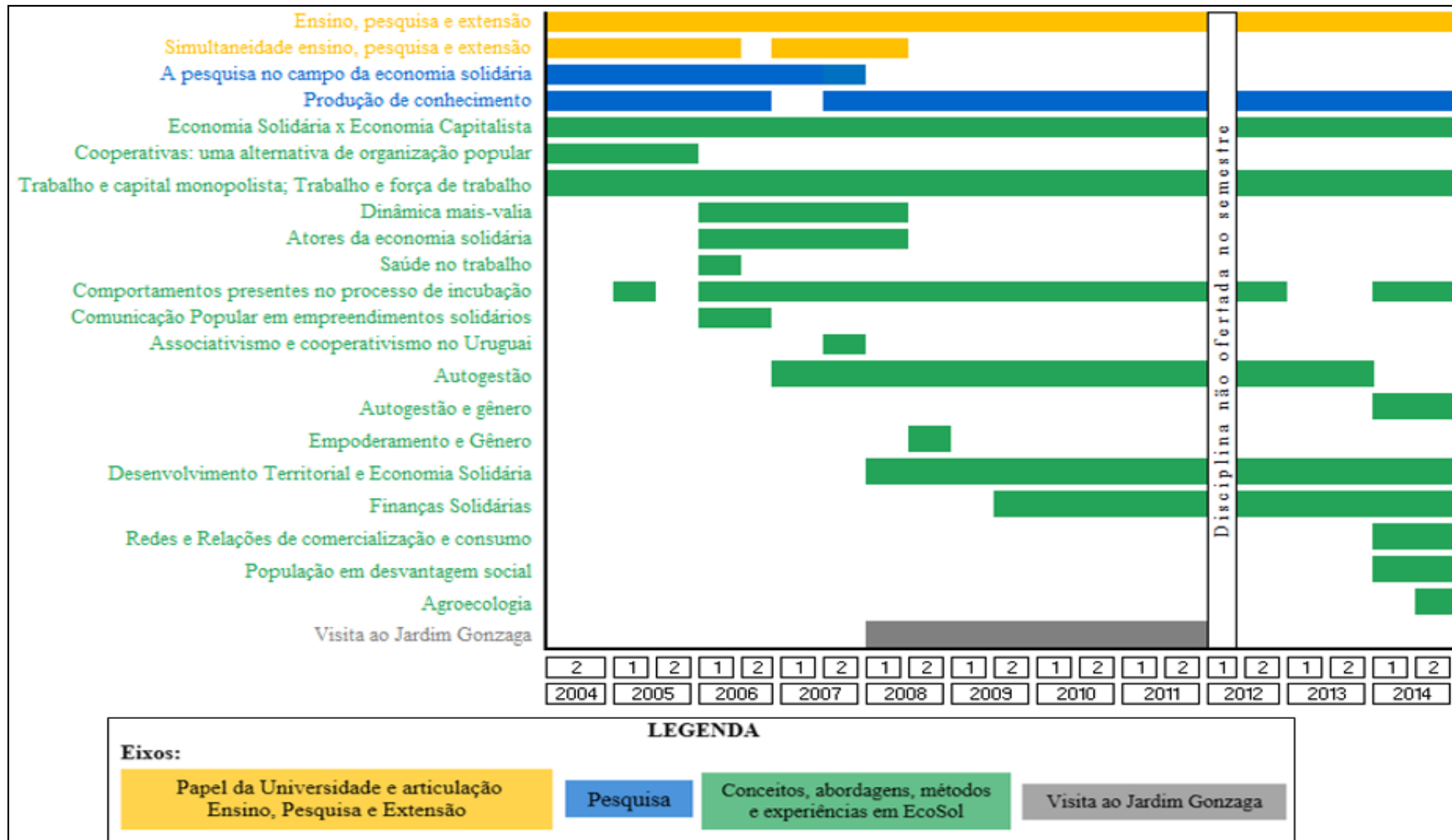
ENGENHARIA DE MATERIAIS	Um produto reciclado proveniente de trabalho solidário tem maior preferência em relação à um produto oriundo de matéria prima virgem?''.
ESTATÍSTICA	O padrão de consumo dos estudantes de graduação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, campus São Carlos.
GESTÃO E ANÁLISE AMBIENTAL	Como o cidadão-consumidor pode incentivar a economia solidária através de suas ações políticas, sociais e de consumo no cotidiano?''.
GESTÃO E ANÁLISE AMBIENTAL	Quais as limitações entre o consumo e consumismo? Como inserir a Economia solidária dentro deste contexto?
GESTÃO E ANÁLISE AMBIENTAL	A prática de um consumo sustentável com base na economia solidária pode contribuir para uma maior equidade social? Como?''
GESTÃO E ANÁLISE AMBIENTAL	Como a agricultura orgânica e agroecologia podem fornecer diretrizes para fomentar a economia solidária local''
GESTÃO E ANÁLISE AMBIENTAL	Quais são os aspectos mais relevantes para a introdução de práticas de consumo responsável? Existe uma faixa etária mais adequada para tais ações?''
PISCOLOGIA	Como a manutenção dos papéis de gênero é confrontada na realidade de um empreendimento econômico solidário?''
PISCOLOGIA	Acho importante trabalhar a questão da conscientização do público em geral sobre a necessidade de estabelecer formas de produção e de troca solidariades. Já que sem consciência, não há possibilidade de mudar o atual modelo de troca.
PISCOLOGIA	“Objetivando implantar a Economia Solidária com maior intensidade na sociedade, em vista da criação de novas relações sociais que possibilitaria o desenvolvimento mais igualitário entre os cidadãos, onde a organização do trabalho se basearia em conceitos cooperativos e coletivos. Entendendo que o Estado tem uma participação considerável no sistema econômico vigente, e que seria necessária sua participação nesta implantação, propõe-se realizar um levantamento do número de editais públicos em nível estadual, no Estado de São Paulo, entre os anos de 2010 a 2012, em que haveria a possibilidade de financiamento de projetos envolvendo Economia Solidária.”

Fonte: Documento interno no NuMI-EcoSol

O Quadro 1, com exemplos de perguntas de pesquisa elaboradas no âmbito da ACIEPE, foi sistematizado por membros da equipe do NuMI-EcoSol a partir da coleta de informações em relatórios finais da disciplina e a partir de material indicado pela professora responsável pela atividade de capacitação para elaboração das perguntas de pesquisa.

As perguntas elaboradas são muito diversificadas sendo possível encontrar perguntas para pesquisa de levantamento, com questões teóricas. Diversos estudantes elaboram perguntas que se relacionam com a interface entre a EcoSol e seus cursos de graduação. E também diversos os estudantes que elaboram perguntas que não têm relação com seus cursos. Com isto é possível verificar que os estudantes participam do processo de produção de conhecimento, pelo menos em algum grau, o da escolha de um tema e elaboração de perguntas de pesquisa e que tem como origem a ação na realidade social.

Além de verificar que ACIEPE é uma oportunidade educativa para estudantes de graduação e que ocorre pesquisa, ação na realidade e articulação entre ambas, surge a questão sobre o que é ensinado e aprendido. Os encontros presenciais da ACIEPE abordam temas relacionados à área da Economia Solidária (como por exemplo autogestão, finanças solidárias, Desenvolvimento Territorial) mas também há atividades sobre produção de conhecimento, papel da Universidade e apresentações de projetos de ação na realidade em andamento. Em encontros presenciais de disciplinas convencionais, de onde vem o conteúdo que o estudante é colocado em contato? Este conteúdo é revisto, atualizado, questionado, complementado com os novos conhecimentos que são produzidos? Para os encontros presenciais da ACIEPE ofertada pelo NuMI, a programação com o conjunto de atividades é revista pela equipe no começo de cada oferta da disciplina. Para esta revisão são considerados os resultados da disciplina no semestre anterior, os projetos com respectivas ações na realidade em andamento e possibilidade de membros da equipe para ministrar os temas a cada semestre. Na Figura 1 é possível observar a uma linha do tempo com a evolução dos temas dos encontros presenciais da ACIEPE ofertada pelo NuMI-EcoSol.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir da programação da disciplina a cada ano

FIGURA 1 - Linha do tempo dos temas dos encontros presenciais da ACIEPE ofertada pelo NuMI-EcoSol

Na linha do tempo dos temas dos encontros presenciais da ACIEPE (Figura 1) é possível observar a evolução dos temas abordados nos encontros, sendo que é possível saber apenas o tema de cada encontro e não exatamente o que é trabalhado e se há alterações nos conteúdos e estratégias de ensino a cada semestre dentro de cada tema. As informações referentes ao ano de 2003 e ao primeiro semestre de 2004 não foram encontradas e, portanto, não constam na linha do tempo. Na linha do tempo é possível observar eixos de temas (cores preto, azul, verde e vermelho): o eixo de cor preta representa os temas relacionados ao papel da Universidade e articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Temas relacionadas à pesquisa e produção de conhecimento fazem parte do eixo de cor azul. Os temas do eixo representado pela cor verde são conceitos, abordagens, métodos e experiências sobre EcoSol e em cinza o eixo de ação na realidade, com a visita de campo, sendo que as apresentações dos projetos de ação na realidade também são deste eixo de ação na realidade. É possível então verificar que a atividade de ensino-aprendizagem no âmbito dos encontros presenciais desta ACIEPE contém conhecimentos que contribuem para que o estudante consiga melhor articular atividade de pesquisa, ação na realidade social e processos educativos.

A partir da participação de estudantes na ACIEPE, há diversos casos em que são desencadeadas pesquisas de iniciação científica, trabalho de conclusão de curso e pós-graduação. Do total de alunos que cursaram a ACIEPE entre 2003 e 2014, 11 fizeram iniciação científica (IC), quatro fizeram trabalhos de conclusão de curso (TCC) e nove defenderam dissertação de mestrados, todos com tema da EcoSol. Entre estes casos, há dois estudantes que fizeram IC e TCC e um caso de uma estudante que fez IC e Mestrado. Além da trajetória destes estudantes poderia ser identificado se o processo de produção de conhecimento realizado em cada uma destas oportunidades articula pesquisa, ação na realidade e processos educativos, algo que demanda outros estudos. Diversos são os estudantes que cursam a ACIEPE e continuam atuando no NuMI-EcoSol e apesar de não fazerem IC, TCC ou Pós-graduação, atuam em projetos com ação na realidade, participam de estudos com a elaboração de artigos e publicação de trabalhos em eventos. Para o caso dos estudantes que apenas cursam a ACIEPE e não continuam no NuMI e também outros que passam pelo núcleo, seriam necessários estudos para verificar se esses egressos continuam na EcoSol ou qual a contribuição da passagem pelo NuMI-EcoSol.

Contudo, é possível considerar que a oferta da ACIEPE de forma contínua, desde de 2003 é uma estratégia para estudantes graduação e pós-graduação, graduados para que possam articular pesquisa, ação na realidade e processos educativos no âmbito de uma



disciplina, algo que não encontra abertura nas disciplinas convencionais. Quanto à experiência desta ACIEPE ofertada pelo NuMI-EcoSol surgem algumas questões. E se uma disciplina como esta ACIEPE fosse obrigatória para todos os estudantes de graduação? Quais seriam os impactos em suas formações se os estudantes fossem para realidade e fizessem pesquisa? Quais seriam os resultados se toda disciplina articulasse educação, pesquisa e ação na realidade, tendo como ponto de partida a realidade e possibilitasse a produção de conhecimento e educação de forma simultânea em determinado contexto? O Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2014 e com vigência por 10 (dez) anos, tem como estratégia *“assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social.”* E se estes 10% de extensão obrigatórias fossem realizadas com atividades como a ACIEPE do NuMI e que contemplassem a articulação das atividades? (BRASIL, 2014, *online*)

### **Considerações finais**

A superação de problemas da realidade social, com maior inclusão, diminuição das desigualdades estruturais, erradicação da pobreza implica na produção de conhecimentos pela Universidade que seja articulado com intervenções profissionais e diversas práticas sociais. Além disto, é importante considerar que a atuação da Universidade mobiliza diferentes conceitos e princípios a depender da perspectiva de concepção ou forma econômica que se pretende reforçar. A Economia Solidária como concepção econômica que tem como princípios e valores fundamentais a autogestão, a cooperação e a solidariedade tem sido considerada como estratégia para superar a má condição de vida da população excluída em uma perspectiva de desenvolvimento em abordagem territorial.

O processo de produção de conhecimento, como papel da Universidade, se dá pela articulação entre as instituídas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Este processo deve incluir tornar o conhecimento produzido acessível e é importante a quem ele se dirige ou beneficia. A pesquisa científica, a partir da ação na realidade possibilita a produção de conhecimentos que se tornam acessíveis pela educação e pela ação na realidade. Quem tem e quem deveria ter acesso a educação superior? Este processo de produção, que pode passar por algo aparentemente simples e corriqueiro, não é o mais habitual na Universidade. Em

geral o conhecimento se torna, no máximo disponível, e não chega, ou demora chegar, a quem dele necessita.

A experiência das ITCPs embora sejam, em geral, mais conhecidas pela atuação enquanto extensão universitária (muitas incubadoras começaram e a grande maioria ainda é projetos ou programas de extensão), tanto pesquisa, quanto ensino estão presentes. No entanto, existem em experiências de ITCPs nas Universidades, que produzem conhecimento articulando pesquisa, ação na realidade e processos educativos. A partir de um tipo de oportunidade educativa comum da Universidade, a disciplina, a ACIEPE ofertada pelo NuMI-EcoSol se destaca. Nas 23 ofertas entre 2003 e 2014, o estudante teve a oportunidade de optar por possibilidades de ação na realidade e a partir desta elaborar perguntas de pesquisas e se envolver em processos de ensino-aprendizagem para além da transmissão de conhecimentos, tudo como parte do processo de produção de conhecimento, concebido como papel da Universidade. Existem outros espaços educativos no NuMI-EcoSol, mas que precisam ser melhor analisadas, algo que exige outras pesquisas. Da mesma forma, exige outros estudos a análise da produção científica do NuMI.

Com base na análise da experiência do NuMI-EcoSol realizada nesta pesquisa, alguns estudos futuros são sugeridos: examinar a relação entre a produção de conhecimento, trabalho associado e desenvolvimento, visando identificar estratégias, condições, dificuldades e limites para produção de conhecimentos por parte dos trabalhadores associados na perspectiva da Economia Solidária; identificar se a EcoSol possibilita outro campo de atuação profissional aos estudantes universitários graduandos, além do campo referente a formação de seus cursos de graduação de origem; identificar se diversas formações de diversas graduações reforça o questionamento da EcoSol quanto à divisão técnica e social do trabalho; investigar porquê alguns cursos atraem mais estudantes que outros; mapear exaustivamente a trajetória dos estudantes para verificar se no processo de produção de conhecimento o grau de articulação entre pesquisa, ação na realidade e processos educativos em cada atividade realizada. Por fim, para caso dos estudantes que apenas cursam a ACIEPE e não continuam no NuMI e também outros que passam pelo núcleo, seriam necessários estudos para verificar se esses egressos continuam na EcoSol ou qual a contribuição da passagem deles pelo NuMI-EcoSol.

As contribuições deste trabalho possibilitam a reflexão sobre o papel da Universidade, sobretudo a Universidade Pública e a Economia Solidária como estratégia de Desenvolvimento Territorial. A Universidade pode ser pensada para além de formadora de

profissionais para o mercado de trabalho ou como produtora de pesquisas científicas apartadas da realidade, mas como produtora de conhecimento que se torna acessível por meio da articulação entre educação, pesquisa e ação na realidade. E a Economia Solidária não deve ser pensada apenas como geração de trabalho e renda ou como política compensatória, mas como estratégia em moradores e cidadãos de um dado território podem ser protagonistas, ou seja, para além da renda e dos ganhos econômicos, se prevê a participação e a autonomia dos mesmos, na perspectiva de produção de seus próprios conhecimentos populares e científicos por meio deste repensar do papel da Universidade Pública.

### Referências Bibliográficas

- AMORIM, A. N. **Economia Solidária – princípios e contradições**. Dissertação (Mestrado) em Política Social pelo Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- BOTOMÉ, S. P. **Pesquisa Alienada e Ensino Alienante: O equívoco da extensão universitária**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos; Caxias do Sul, RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1996.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.
- CORTEGOSO, A. L., *et al.* A integração dos processos comportamentais de intervir em situações e de produzir conhecimento como objeto de estudo e objetivo de intervenção profissional. **Chronos** (Caxias do Sul), Caxias do Sul, v. 30, n.1, p. 70-102, 1997.
- CORTEGOSO, A. L. e SHIMBO, I. Empreendimentos solidários, universidades, movimentos sociais e gestores públicos: articulação de esforços na promoção da Economia Solidária no Brasil de hoje. In: **2ª Jornada Universitaria sobre Cooperativismo, Economía Solidaria y Procesos Asociativos**. Montevideo, 2005.
- DEMO, P. **Pesquisa: Princípio Científico e Educativo**. 8 ed. São Paulo: Cortez. 2001
- DIONNE, H. **A Pesquisa-ação para o Desenvolvimento Local**. Tradução de Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro, 2007
- FRANÇA FILHO, G. C. (Org.) et al. **Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional**. Salvador: EDUFBA; Editora da UFRGS, 2006. 326 p. (Série Sociedade e Solidariedade). ISBN 85-7025-859-3.
- \_\_\_\_\_. Teoria e Prática em Economia Solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas** (Porto Alegre), v. 7, p. 155-174, 2007.
- FRANÇA FILHO, G. C. e SANTANA JUNIOR, G. **Economia Solidária e Desenvolvimento Local: uma Contribuição para Redefinição da Noção de Sustentabilidade a partir da Análise de três casos na Bahia**. Disponível em: < [dowbor.org/ar/07genautolocal.doc](http://dowbor.org/ar/07genautolocal.doc) >. Acesso em: jun. de 2012.

- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 64. ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 205.
- GAIGER, L. I. **A Economia Solidária diante do modo de produção capitalista**. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18642>>. Acesso em: set. de 2013.
- GERMER, C. A “Economia Solidária”: Uma crítica Marxista. **Estudos de Direito Cooperativo e Cidadania**, Curitiba, 2009.
- GOERGEN, P. Educação instrumental e formação cidadã: observações críticas sobre a pertinência social da universidade. **Revista Educar em Revista**, Curitiba, n.37, p.59-76, 2010.
- GOMES, F. P., KLEIN, M. J., et al. **Introdução a Economia Solidária**. Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES): Ministério do Trabalho e Emprego - M.T.E. 2002.
- LAVILLE, C. e DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MAZZILLI, S. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v.27, n.2, p. 205-221, maio/ago. 2011
- MELO NETO, J. F. Extensão universitária e produção do conhecimento. **Conceitos** (João Pessoa), João Pessoa - PB, v. 5, n.9, p. 13-19, 2003.
- MENEZES, M. T. C. G. **Economia Solidária: elementos para uma crítica marxista**. Rio de Janeiro, Gramma, 2007.
- PINTO, J. L. R. **Economia Solidária: um elogio à associação em tempos de crise**. Tese de Doutorado. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, IUPERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2004.
- POLANYI, K. **The Great Transformation**. Foreword by Robert M. MacIver. Boston: Beacon Press, 1957.
- SINGER, P. **Introdução a Economia Solidária**. São Paulo: Contexto. 2002.
- SINGER, P. e SOUZA, A. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.
- TAUCHEN, G. **O princípio da indissociabilidade universitária: um olhar transdisciplinar nas atividades de ensino, pesquisa e extensão**. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. **ACIEPEs**. Disponível em: <<http://www.proex.ufscar.br/cursos>>. Acesso em: janeiro de 2018.
- VECHIA, R. D., et al. A Rede de ITCs - Passado, Presente e alguns Desafios para o Futuro. **Diálogo**, 18. 2011.